

Traduzindo a literatura brasileira para o tcheco – entrevista com Pavla Lidmilová

Sarka Grawova

Comparada com outros países europeus, a literatura brasileira começou a ser traduzida na República Tcheca tarde e estreou com um título um tanto inesperado: se deixamos de lado *Histoire d'un voyage faicte en la terre du Brésil* (1578) do calvinista francês Jean de Léry, vertido em tcheco por dois irmãos protestantes já em 1590, o primeiro livro traduzido foi *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, em 1938. Não menos surpreendente é, porém, o quanto um ambiente cultural pode mudar no decurso de uma vida humana. No dia 28 de Outubro de 2005, uma tradutora de literatura brasileira e portuguesa, Pavla Lidmilová, já condecorada com a Ordem de Rio Branco, recebeu o Prêmio Nacional de Tradução, a maior distinção que um tradutor tcheco pode obter.

Pavla, quantos livros brasileiros você traduziu?

No total, foram 27 livros publicados e um que está no prelo. No momento, estou trabalhando na tradução do último livro de crônicas de Paulo Coelho que se chama *Ser como o livro que flui*. E tenho mais dois livros traduzidos, como se diz, “na gaveta”, o que no caso significa na gaveta dos editores vacilantes: um livro de contos índios de Hernâni Donato e *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos* de Rubem Fonseca – um autor que já teve êxito junto ao público tcheco com uma antologia de contos. Há poucos dias soube que, com a ajuda da Embaixada Brasileira em Praga, há uma boa chance de ver também estes livros publicados.

Como é que você chegou a traduzir livros de literaturas lusófonas – num tempo em que o português aqui nem sequer existia como uma disciplina lecionada nas Universidades?

Minha carreira de tradutora, de fato, começou com traduções do espanhol, só depois passei para português. Comecei com textos curtos, lembro-me de um conto de Lúcia Benedetti, publicado numa antologia de literatura juvenil, e do conto “Paulinho Perna Torta”, que fala dos marginais da grande cidade, de João Antônio, em que reconheci uma voz muito original. Aliás, com João Antônio tive depois uma correspondência de muitos anos. Ele foi um daqueles que, além de longas cartas, me mandava livros de autores brasileiros.

Isso era na década de 60, em que mesmo nós, na antiga zona de influência da União Soviética, pudemos respirar um pouco mais livres...

A década de 60 deu-nos, além de mudanças políticas, algumas – poucas – liberdades e possibilidades também na esfera de letras. Um dos primeiros contatos pessoais que tive com escritores brasileiros foi com os concretistas de São Paulo, Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari. A poesia concreta, promovida na Tchecoslováquia por Josef Hiršal, ele mesmo um poeta notável, e Bohumila Grögerová, teve entre nós uma repercussão notável. Os autores brasileiros chegaram a visitar Praga e seus textos foram publicados no volume *Palavra, Letra, Ação, Voz – Para a Estética da Era de Tecnológica* (Slovo, písmo, akce, hlas – K estetice kultury technického věku) que reunia ensaios, manifestos e programas de arte, aparecendo em 1967. Foi uma das manifestações mais originais do espírito da década de 60 na cultura tcheca.

Mas para você a década de 60 foi, antes de tudo, o período de um feliz encontro com a obra de Guimarães Rosa.

As estórias de Guimarães Rosa foram para mim, naquele tempo, há mais de 40 anos, uma revelação. Primeiro, traduzi alguns contos dele que ofereci a uma excelente revista literária que se chamava *Světová literatura* – Literatura mundial (ou mesmo universal) – e durante dezenas de anos apresentava aos leitores tchecos os melhores escritores do mundo inteiro, vários autores brasileiros, portugueses e africanos incluídos.

Světová literatura esteve também na origem da minha correspondência com Guimarães Rosa. Em 1966, quando a revista publicou, num belo desenho gráfico, as traduções dos contos “A terceira margem do Rio”, “Os irmãos Dagobé” e “Nenhum, nenhuma” junto com uns desenhos de Luís Jardim que aparecem na segunda edição das *Primeiras estórias*, vários exemplares da revista foram mandados ao autor, por intermédio da nossa Agência literária. Depois de receber os exemplares e estudar a tradução – com base de seu conhecimento de russo e com ajuda de uma moça, filha de tchecos, que então vivia em São Paulo – João Guimarães Rosa enviou-me, através da embaixada do Brasil, em Praga, uma carta muitíssimo amável que me emocionou, assim como o exemplar de *Tutaméia* que recebi, em 1967, com a sua dedicatória. Traduzi vários textos das “Terceiras estórias” e adorei especialmente o “Presepe”. Gostaria de juntar alguns contos de Natal brasileiros e portugueses e publicá-los um dia num pequeno volume ao lado desta estória de Guimarães Rosa.

Sua obra, que se poderia chamar sem grandes exageros heróica, era, porém, a tradução de Grande sertão: veredas que apareceu em 1971, um ano depois da edição italiana. Embrenhar-se naquele mundo do sertão numa época em que os contatos entre tchecos e brasileiros foram poucos tinha que ser um ato de grande coragem.

Trabalhei naquela tradução numa época em que meu país passava por um período politicamente difícil e pesado. Como sabe, o processo tchecoslovaco de democratização foi interrompido por uma intervenção de militares do Pacto de Varsóvia e as esperanças num futuro mais satisfatório foram frustradas. Traduzir, naquele tempo, era para mim uma segunda vida, *Grande sertão* tornou-se minha paixão de sempre – hoje já nem consigo recordar a força daquela convivência com um texto literário. Tive imensa pena que a correspondência com Guimarães Rosa não pôde continuar por causa da morte deste em novembro de 1967 e que não tinha possibilidades de pedir conselhos a respeito de tanta coisa que me intrigava naquele livro, como fez o tradutor italiano Edoardo Bizzarri. E fico com pena de ele não chegar a escrever *A Fazedora das Velas*, uma prosa que me disse ter posto de lado, com um pressentimento da morte.

Como foi que leu “o sertão” uma tradutora que nunca tinha estado no Brasil?

O que me fascinou desde o início foi o fato de o sertão ter, no livro de Rosa, uma dimensão ao mesmo tempo real e simbólica. Acho que naquele tempo não li o livro no contexto da literatura brasileira, de maneira como se lê hoje na universidade, mas relacionava-o com os livros que conhecia, como *O Labirinto do Mundo e Paraíso do Coração* do polígrafo tcheco Jan Ámos Komenský ou *Moby Dick* de Herman Melville, onde a luta com a baleia assume um significado tão ambíguo como a luta dos jagunços. Do ponto de vista da língua, havia uma possibilidade de comparação com Vladimír Holan, um grande poeta checo.

O livro saiu numa segunda edição revista em 2003, num momento muito diferente do primeiro. Qual foi a diferença principal para você?

Primeiro, pude recorrer a vários livros e estudos publicados tanto no Brasil como no exterior, especialmente a correspondência de João Guimarães Rosa com Bizzarri, que contém uma riqueza de informações para qualquer tradutor. A edição revista ficou pronta para o prelo já no início da década de 90, mas a publicação esbarrou em obstáculos relacionados com as transformações polí-

ticas e econômicas na ex-Tchecoslováquia. Quando afinal saiu, colocou-se no inquérito anual do *Lidové noviny*, um dos grandes jornais tchecos, entre os 10 livros mais bem recebidos do ano 2003. Não é preciso dizer que fiquei muito contente.

Na República Tcheca (originada da pacífica separação da ex-Tchecoslováquia em dois países, República tcheca e República eslovaca que, entre outras coisas, falam línguas diferentes) Guimarães Rosa tornou-se uma referência quase obrigatória. É objeto de teses e também ganhou uma nova tradutora, Vlasta Dufková, que já traduziu “Dão-lalalão” e, no momento, está trabalhando na tradução da novela “Buriti” de *Corpo de baile*.

Eu, por mim, fiquei fascinada pela notícia de que o nome de Guimarães Rosa foi dado, em 1969, ao pico culminante da Cordilheira Curupira, na região limítrofe entre o Brasil e a Venezuela, que se levanta a 2.150 metros. Tem uma beleza simbólica: Guimarães Rosa enquanto um pico que sobe muito acima da paisagem circundante, erguendo-se mais alto do que chega a olhar dos homens comuns.

Quais foram os outros escritores com os quais você teve uma experiência de intensidade comparável? Como chegou a conhecê-los?

Além de Guimarães Rosa, “descobri” Murilo Rubião e Clarice Lispector e, dos portugueses, Fernando Pessoa, o qual aliás traduzi de uma edição brasileira. Nestes casos empenhava-me muito para que os seus livros chegassem aos leitores tchecos.

Já nos finais da década de 60, entrei em contato com uma brilhante revista literária que foi o *Suplemento Literário* de Minas Gerais, criado por Murilo Rubião, em 1966. Os contos, poemas e ensaios que publicava e que não eram só de autores mineiros, mas tinham escopo muito mais abrangente, ofereceram-me uma visão mais ampla da literatura brasileira. Com meu saudoso amigo Murilo Rubião mantive um contato epistolar por longos anos, assim como com outros escritores mais jovens. Recebia suas obras e, dentro das possibilidades, divulgava-as em revistas e antologias.

Naquele tempo, Murilo Rubião enviou-me os manuscritos de vários contos que depois apareceram no livro *O Convidado*. Ainda conservo esses textos, escritos à máquina, os quais, se não fosse a nossa situação política tão difícil, que se projetava inclusive no trabalho das redações e das editoras, teriam aparecido em tcheco antes de serem publicados no Brasil. No entanto, “Teleco, o coelhinho” veio à luz na *Světová literatura*, em 1969, e “O Ex-mágico da taberna minhota” em 1970, numa revista que por uma coincidência se chamava *Host do domu*, que quer dizer “O convidado”, onde também saiu um ensaio sobre a literatura e consciência nacional de Antonio Candido, um conto de Antônio de Alcântara Machado e, com uma participação de tradutores-

poetas checos, poemas de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Geir Campos e Fernando Fortes.

Os contos de Murilo Rubião foram publicados em volume sob o título *Dům U červené slunečnice* (A Casa do Girassol Vermelho) somente em 1986 e, nas livrarias de Praga praticamente toda a tiragem vendeu-se logo no dia do lançamento. Em 1994, já depois das mudanças políticas no Leste europeu, seguiu-se um outro volume ilustrado por Jiří Voves e, em 1995, foi premiado como um “belo livro” numa Feira do livro. Jiří Voves, artista plástico, tornou-se um apaixonado da obra literária de Murilo e organizou também uma exposição de seus desenhos inspirados nos contos deste escritor mineiro.

Clarice Lispector é outra escritora de sua predileção cuja obra você também começou a traduzir logo no início de sua carreira. A tradução tcheca de Perto do coração selvagem foi publicada já em 1973.

Clarice Lispector, no contexto da literatura publicada naquele tempo no meu país, fez-me impressão. Em *Perto do Coração Selvagem* aparece a perspectiva feminina, a sondagem introspectiva de uma mulher rebelde que não se sujeita a convenções e mestres, cheia de força vital e decidida a seguir seu próprio caminho. Esta prosa foi acolhida muito bem pelo público, especialmente pelo público feminino, e abriu caminho a outras obras suas, nomeadamente *A Hora da Estrela*, publicada em 1982, uma antologia de contos intitulada *Felicidade Clandestina* (1996) e *Água Viva* (2000).

Quanto a Clarice Lispector, há uma história curiosa relacionada com os tchecos. Uma das nossas cantoras de música popular, até hoje ativa e famosa, Helena Vondráčková, ia se apresentar no fim dos anos 60 em um festival do Rio do Janeiro uma canção que se chamava “Voz Longínqua” e me encomendaram uma tradução da letra para o português. Clarice Lispector leu o texto num jornal brasileiro e reproduziu-o no seu romance *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. Em 1970, quando a escritora mandou-me o livro, onde a protagonista Lóri diz assim: “Todos lutavam pela liberdade – assim via pelos jornais, e alegrava-se de que enfim não suportasse mais as injustiças. No jornal de domingo viu reproduzida a letra de uma canção da Tchecoslováquia. Copiou-a com a letra mais linda de professora que tinha, e deu-a a Ulisses. Chamava-se “Voz longínqua” e era assim.... Eis um exemplo da intertextualidade inesperado!

A perspectiva feminina está presente também na obra literária de outra escritora brasileira que você traduziu, Lygia Fagundes Telles.

A ficção de Lygia Fagundes Telles, de quem traduzi duas antologias de contos, publicados em 1984 e 2003, é muito atrativa para o leitor, dramática, cheia de suspense, de humor e de fantasia, escrita em estilo elegante. É pena que, naquele tempo, não consegui que seu romance *As Meninas* fosse aceito para publicação, no nosso contexto humano e político teria calhado bem. Infelizmente o leitor da editora ficou irritado com sua “literatura demasiado feminina” e escreveu um parecer todo negativo.

Devemos mencionar mais uma autora brasileira cuja obra você traduziu e que alcançou um sucesso na República tcheca – Lygia Bojunga Nunes.

Na Corda Bamba foi publicada em tcheco em 1989 graças ao Prêmio Andersen que a autora recebeu em 1982. E também aqui há uma história interessante.

Ainda antes da concessão do Prêmio Andersen, a Sociedade dos Amigos do Livro Infante-Juvenil, seção tcheca da IBBY, pediu-me pareceres sobre todos os livros da autora, destinados ao membro eslovaco do júri do Prêmio (naquela altura, tchecos e eslovacos ainda viviam numa república federal). Li todos aqueles livros que puseram a meu dispor e, mais uma vez, fiquei entusiasmada com um autor brasileiro. Provavelmente consegui transmitir esse entusiasmo ao membro do júri, que depois me escreveu que tinha votado a favor da escritora brasileira.

Assim, a editora do livro infantil, numa época em que a concorrência na esfera da literatura infante-juvenil no mercado tcheco era muito grande, resolveu publicar *Na Corda Bamba*. O livro saiu bonito, ilustrado, em uma tiragem de 30.000 exemplares. Para uma população de 10 milhões não é nada mau.

Fiquei muito contente com o fato de que a escritora foi galardoada, em 2004, com o Prêmio Astrid Lindgren.

Um caso especial de sua carreira de tradutora é Paulo Coelho, um autor que virou mesmo moda. Quantos livros seus traduziu?

Da obra de Paulo Coelho primeiro li *O Alquimista* que me encantou e cuja publicação cheguei a propôr a vários editores tchecos, ainda num tempo em que ele não era tão conhecido – e de fato, seu êxito demorou. Hoje, *O Alquimista* tornou-se um “livro eterno”, reeditado, gravado nas fitas e CDs, apresentado no teatro e na rádio. Paulo Coelho, de quem traduzi a maior parte dos livros publicados, é hoje lido até pelos nossos homens de negócios, empresários, médicos ou padres – um público muito diversificado.

Há um livro brasileiro que você gostaria de ter traduzido e por alguma razão não o fez?

Acho que cheguei a traduzir todos os livros que realmente quis, às vezes mesmo sem ter um contrato com editor. Há tantos autores brasileiros de que gosto e que tenho traduzido, com uma enorme variedade de linguagens, estilos e temas – Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Rubem Fonseca, Sérgio Sant’anna, Luiz Vilela, Darcy Ribeiro, Moacyr Scliar, Duílio Gomes, Ildeu Brandão, José J. Veiga, Adonias Filho, Orígenes Lessa, Sílvio Fiorani – e muitos mais. Mas hoje em dia, há outros bons tradutores tchecos que estão divulgando as obras de escritores brasileiros de peso, como Machado de Assis, Jorge Amado, Osman Lins, Ana Miranda ou Mário de Andrade. Um estímulo muito importante tem sido o apoio financeiro da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e, ultimamente, temos um grande apoio na Embaixada Brasileira em Praga.